



23ª edição

Telma Guimarães Castro Andrade

# Redações perigosas

Ilustrações: Marilia Pirillo

Conforme a nova ortografia



 **Atual**  
Editora

# Série Entre Linhas

---

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Célia Camargo/Solange Gonçalves

Edilene Santos/Camila Santana/Alexandra Costa

---

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • José Aparecido de Oliveira

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

---

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Isabel Cabral

Preparação de textos • Edilene Santos

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andrade, Telma Guimarães Castro

Redações perigosas / Telma Guimarães Castro Andrade ;  
ilustrações Marília Pirillo. — 23ª ed. — São Paulo : Atual,  
2009. — (Entre Linhas : Mistério)

Inclui roteiro de leitura

ISBN 978-85-357-0658-1

978-85-357-0659-8 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Pirillo, Marília.  
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Telma Guimarães Castro Andrade, 1993.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Todos os direitos reservados.

23ª edição / 8ª tiragem

2014

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

[www.editorasaraiva.com.br/contato](http://www.editorasaraiva.com.br/contato)

811182.023.008

# Sumário

A “dona” de História 5

---

Quanta confusão! 20

---

Férias de julho 59

---



---

A autora 84

---

Entrevista 86

---

*Os fatos narrados nesta história  
são totalmente ficcionais.  
Qualquer semelhança com  
acontecimentos ou pessoas reais  
é mera coincidência.*

# A “dona” de História



Entrei na classe. Se você pensa que eu estava me sentindo muito à vontade, está enganado(a). Também era a primeira vez para mim... Pelo menos nessa classe. Depois da primeira aula, viria a segunda, a terceira, a quarta, a quinta. Mas era a primeira, e eu olhava para meus (ainda não os sentia meus) alunos, e eles olhavam para mim.

Primeiro dia de aula sempre era tão difícil! Parecia que eles estavam me examinando, testando, vendo se eu tinha cara de professora “mal-amada”, do fígado ruim, aquela que não dá nota nem matando, que deixa todos de recuperação. Talvez tivesse uma vesícula preguiçosa e deixasse de recuperação quem tivesse D. Mas era só.

Resolvi me apresentar para a classe: primeiro D – Tarde.

– Sou a Rosemeire, professora de História. Vou substituir a dona Luzia, que está em licença-maternidade.

Ouvi um tenebroso “Ah, que pena!”..

– A senhora marca prova logo no primeiro dia depois das férias de julho, dona?

– Qual é o nome da senhora, mesmo, dona?

– A senhora dá trabalho? Pesquisa de biblioteca?

– Dá ponto positivo?

– Vai continuar com o mesmo livro ou vai mudar?

– Se tiver de comprar outro livro, meu pai me mata...

Fui ficando nervosa. Decidi falar meu nome de novo.

– Bem, meu nome é Rosemeire. Antes de qualquer coisa, já que estamos voltando das férias de julho, gostaria de conhecer um pouquinho de cada um... Já que somos novos um para o outro, quer dizer, eu sou nova pra vocês, vocês também o são pra mim. Tirem uma folha do caderno. Gostaria que vocês escrevessem sobre o que fizeram, se viajaram, o que aconteceu nesses dias que ficaram longe, enfim, o que quiserem... Coloquem um título bem sugestivo.

Pronto. Já tinha falado. Ouvi um monte de “Ih, coisa mais besta”, “Só me faltava essa”, “Essa dona é pancada... Pegou mania de professor de Português!”, “Ela quer espionar a nossa vida?”, “Encheção de linguiça... Depois reclama que professor ganha pouco... Tem de ganhar, mesmo... Matando aula com redação sobre férias!”, “Será que ela tá pensando que tenho muita coisa pra contar?”.

– Vai ter de colocar o nome?

Esse realmente me acordou.

– Dez linhas tá bom?

Essa me deixou em órbita, novamente.

– Não há mínimo nem máximo, gente.

Aí, já que não mudei de ideia, os alunos começaram a escrever.

O que era “o que você fez nas férias?”, “tava chato”, “foi ótimo”, e todo aquele movimento e barulho de primeiro dia de aula agravado por uma professora nova no pedaço, foi acalmado, em termos, por um glorioso silêncio de quarenta minutos (havia gasto dez minutos, desde que o sinal batera).

Enquanto fazia a chamada, o mais baixo possível para não quebrar o clima, fui dando uma espiada nos alunos. Impossível querer memorizar o nome da moçada. Era preciso um tempo... Nada de números. Se tinha uma coisa que sempre me chateou, quando era aluna, era ser chamada por “trinta e dois”, “vinte e sete”, quando não ouvíamos o professor repetir: “O quinze não vem mais?”, “Ih, esse dezenove dá um trabalho!...” É lógico que sempre existiam aqueles que faziam um extremo esforço e que, depois de algum tempo, acabavam aprendendo. Me lembrei da professora Therezinha, que havia dado aula de História para nossa classe de primeiro ano, na faculdade. Conseguiu, depois de pouquíssimo tempo, memorizar os nossos nomes.

Os alunos iam escrevendo, eu ia folheando o livro de História que a professora Luzia havia adotado. Olhei a data: fevereiro de 2004. Se estávamos em agosto de 2005 e era o mesmo livro, pelo que ela havia falado, provavelmente seria usado até 2006. Dei uma espiada no capítulo 13: Canudos. De novo lembrei da dona Therezinha e do “seu” Antônio Conselheiro. Nossa sala estava abafada e, apesar do friozinho lá fora, todo mundo se abanava. Uns pareciam querer cochilar, outros rabiscavam papéis, trocavam bilhetes. De repente, me revii aluna, dona Therezinha falando:

“1893. Tarde sufocante, ar parado, como hoje. A feira de Bom Conselho, na Bahia, parece mesmo uma cidade ambulante esperando concluir seus negócios para partir. Há de tudo: chapéus de couro, arreios, fumo, feijão, milho, peles, rapaduras, queijo de coalho, garrafas de mel e manteiga, espingardas, punhais e rosários, estampas de santos, cascas de pau, redes, farinhas. Toda a matutada parece ter saído à rua, roupa de brim e alpercatas. As

crianças correm para cá e para lá, as cabras se misturam às crianças. Um tipo de camisolão azul começa a falar do reino de Deus. Não é fácil se aproximar dele, tanta gente que o rodeia, completamente seduzida pelas suas palavras, seu olhar penetrante, a cara ossuda, a cabeleira cheia de piolhos a passear muito tranquilamente.

– Deus é grande! – afirma ele.

– De que tamanho? – pergunta um sujeito.

Antônio Conselheiro fulmina o espertinho com um olhar de víbora. E antes que os crentes o façam em pedaços ele unta sebo às canelas. O Conselheiro começa a falar contra impostos municipais. Enquanto falava, um devoto ia amontoando papéis à sua frente. O Conselheiro ergue o cajado do romeiro e, a este sinal, ele acende uma fogueira: os editais de cobrança de impostos, que ficavam afixados à porta das Casas da Câmara, começam a arder. Do outro lado da praça chega a voz de um cego: ‘O irmão que vai passando, veja lá, repare bem, quando Deus pediu esmola, foi pra nós pedir também’.”\*

A cada frase que ela lia, o interesse ia aumentando. Um começou a fazer perguntas, o outro emendou no primeiro e assim foi. O que era desinteresse virou interesse, o que era sono e calor virou acordado e acalorado na discussão, e até na risada meio nervosa. Deus era grande, sim... e haveria de me dar muita paciência, porque, pelo ritmo da classe, alguns estavam escrevendo uma tese!

O sinal bateu. Levei um susto. Estivera perdida no tempo. Ouvi um “já bateu?” em coro. O representante de classe, que se identificou por “número 22 – representante de classe”, pediu para recolher as redações. Concordei, agradeci, me despedi de todos, tirei meu material da mesa e fui procurar minha segunda classe, agora na certeza de que faria o mesmo pedido: a redação.

Uma aluna no corredor foi logo me barrando:

– A senhora é a nova “dona” de Contabilidade?

---

\* Os trechos assinalados com asterisco foram retirados do livro *História do Brasil*, de Joel Rufino dos Santos, da Marco Editorial, 1979.